

# **Dramaturgia acadêmica: introdução e considerações finais de Helena Vadia, uma performopalestra**

**Academic dramaturgy: introduction and final consideration on Slut Helen, a Perfoconference**

*Pamella Villanova*<sup>1</sup>

## Resumo

Neste artigo, em um exercício sobre como pode-se registrar uma pesquisa cênica - de atriz - apresentam-se as cenas iniciais e finais do espetáculo *Helena Vadia*, uma performopalestra híbrida de uma peça de teatro e um texto acadêmico, fruto de pesquisa de Mestrado em Artes da Cena pela Unicamp. Uma atriz junto da plateia se pergunta sobre performatividades de gênero: o que pode ser mulher? Para analisar porquê se compreende homens e mulheres como seres em oposição diametral, ela fala sobre um mito que data da Pré-História: a grega Helena e suas representações ao longo dos séculos em diálogo com questões contemporâneas.

**Palavras-chave:** Atriz; Helena; Estudos de gênero; mito

## Abstract

This article is an exercise about possibilities to register a scenical research made by an actress. It is written the initial and final scenes of "Slut Helen", a performopalestra hybrid by a show and an academic text. An actress at the audience asks about gender performativities: what is to be a woman? To analyze why men and women are understood as beings in diametrical opposition, she speaks of a myth dating from prehistory: the Greek Helen and her representations over the centuries in dialogue with contemporary issues.

**Keywords:** Actress; Helen; gender Studies; myth

ISSN: 1414.5731  
E-ISSN: 2358.6958

---

<sup>1</sup> Atriz, professora e diretora. Mestra em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). pamellavillanova@gmail.com

Começamos agora um giro no sentido anti-horário, um giro dissonante que assume o risco de parecer caótico, mas certo de que as ideias encontram seus sentidos. Este estudo propõe reflexões avessas a uma lógica causal, teoria e prática, se misturando em uma exploração cênica vadia, organizadas em uma escrita vadia.

Se imagine entrando em uma sala qualquer. No fundo há uma pequena mesa e um espelho decorado com recortes de revistas e mensagens de fãs. Cuidadosamente colocadas pelo espaço estão as próteses: cílios postiços, peruca, joias, gel para o cabelo, dildo<sup>2</sup>, óculos de grau, sapatos e figurinos; mais próximas, uma mesa e uma cadeira.

*(Atriz dá o terceiro sinal)*

ATRIZ: Olá, esta é Helena Vadia, uma performopalestra. (Pausa). Vadia. Vaca. Galinha. Vaca. Leite.

MÃE: Depois de uma noite de fortes emoções - às vezes bem mais do que uma noite, o seio de Helena deixa de ser objeto de desejo e se torna alimento. Se alimentando só do leite que sai do seu peito, a filha de Helena, Hermione, cresce cinco quilos. Na praça de alimentação da polis pedem para Helena se preservar, não amamentar em público: *(conselho sincero)* poderia ser ofensivo. *(Ironicamente)* Seio objeto, sim. A teta cheia do leite que alimenta, não.

MÃE:

Daí quando quer ofender chama de vaca, galinha.

São duas dignas vizinhas do mundo daqui

O que você tem pra falar de vaca?

Vaca é minha mãe. De leite.

De leite,

De óvulo,

De ovo.

Comparando rainha com rainha

Pensando que tá falando palavrão imundo,

Tá não, ómi, tá citando o princípio do mundo.

Palavras inspiradas no poema de Elisa Lucinda<sup>3</sup>, atriz brasileira.

AUTORA *(se dirigindo afetuosamente a você)*: Este trabalho é uma performopalestra. É um espetáculo de teatro e se pretende, também, um texto científico.

ATRIZ: Por quê outro nome para a mesma coisa se já me disseram que isto é teatro?

---

<sup>2</sup> Dildo = sexo de plástico, nesse caso, mimetizando tecnologicamente um pênis. (Preciado, 2012, p.41).

<sup>3</sup> Lucinda, 1993, p. 37.

AUTORA: É uma brincadeira forma-conteúdo, uma proposta de apresentação da pesquisa sobre o mito grego de Helena e as possíveis performatividades de gênero<sup>4</sup>, essas teatralizações cotidianas que parecem inevitáveis.

ATRIZ (*tranquilamente se dirige à plateia*): A dinâmica do espetáculo é bem tranquila: pode-se levantar, ir ao banheiro, trocar de lugar, ir embora, chegar atrasada ou voltar. Pode-se fotografar, filmar, colocar as fotos de nudez na internet, bater siririca, eu não me importo. O que não pode é encostar em mim se eu não quiser. Este é o pacto: que haja consenso entre nós. Sempre. (*Se for o caso de passar o chapéu, dá o recado neste momento*).

(*Coloca uma música para tocar, veste a cinta pau, o vestido, a peruca e algumas joias. Pausa a música*)

ATRIZ (*canta*): Ser uma mulher feminina, não fere o meu lado masculino. Se eu sou menina e menino, (*olha para a plateia*) imagina o que teatro não pode fazer com isso...<sup>5</sup>

(*Se dirige aos anéis espalhados pela mesa, vai vestindo um a um enquanto diz à plateia*)

CASSANDRA: É absurdo dividir a humanidade em homens e mulheres. Ela é composta simplesmente por feminilidade e masculinidade. Todo super-homem, todo herói, não importa o quão épico, genial ou poderoso, é a expressão prodigiosa de uma raça e uma época, simplesmente porque é composto de elementos femininos e masculinos, de feminilidade e masculinidade: o que significa um ser completo. Todo ser exclusivamente viril é simplesmente um animal bruto; todo ser exclusivamente feminino é simplesmente uma fêmea. Mulheres são Fúrias, Amazonas, Icamiabas, Cleopatras, Joanas D'arc, Marias Quitérias, Capitus, Pagus. Mulheres combativas que lutam com mais ferocidade do que os homens. Amantes que despertam, destruidoras que derrubam os mais fracos. Por séculos, o instinto feminino tem sido insultado, somente seu charme e ternura têm sido apreciados. Mulheres, por muito tempo, desviadas pela moral e preconceitos, voltem para seus instintos sublimes, para a violência, para a crueldade<sup>6</sup>. (*Pausa*)

ATRIZ: Essas palavras são inspiradas em parte do *Manifesto das Mulheres Futuristas*, escrito em 1912. (*Ênfase no artigo*). Os futuristas eram fascistas e misóginos, diziam que as mulheres eram desprezíveis. (*Ênfase no artigo*). As futuristas escreveram esse manifesto em resposta, dizendo que a humanidade como um todo é desprezível. Elas também eram fascistas e se declaravam contra qualquer tipo de feminismo.

(*Termina de colocar os anéis e caminha pelo espaço, deixando evidente o som das joias e do salto – como deveria ser o ruído de uma Rainha da Idade do Bronze*)

---

<sup>4</sup> Sobre performatividade de gênero, ver: Butler, 2003 e Preciado, 2008.

<sup>5</sup> Inspirada em "Masculino e Feminino", música do álbum homônimo de Pepeu Gomes, de 1983.

<sup>6</sup> Adaptação minha de trecho de (Saint-Point, 2014).

*Tardio*<sup>7</sup>. Finalizada a montagem da *Drag Menelau*, ela prepara a estrutura necessária para iniciar o show de dublagem de um sucesso musical: iluminação, sonoplastia e outros detalhes que julgar necessário, de acordo com o espaço disponível).

DRAG MENELAU (com voz sexy, de preferência sob um foco de luz): Depois que Helena de Esparta fugiu com o príncipe troiano, Menelau – o rei abandonado – costumava chorar sozinho, escondido, no seu quarto. (*A Drag Menelau se posiciona para iniciar seu número; dá o play e dubla as ruínas do amor humilhado*).

DRAG MENELAU: (*explorar em cena a contradição entre as condições de guerreiro-algoz e amante-chorão*). Ide buscá-la! E que seja arrastada até aqui pelos cabelos, por seus vis cabelos, contaminados de carícias, tão belos!<sup>8</sup> (acende a luz) Não venho debater, Helena, mas matar-te.<sup>9</sup>

(*Menelau finaliza seu número, desliga a música.*)

Símbolo de beleza<sup>10</sup> (*coloca o dildo-microfone em cima da mesa*); a mulher mais erótica do mundo (*pega a caixa de "joias"*); concubina infiel (*começa a tirar brincos, anéis e colar conforme diz*); mãe negligente; Helena bela, mas de muitos homens; aquela que produz amor e guerra; rainha; destruidora de cidades; (*clima de mistério*) figura sinistra; filha de Zeus; a mulher que os homens amam amar e amam odiar; (*olha para a plateia*) ambígua; rameira; doce veneno – terrível e delicioso; fazedora de reis; alta sacerdotisa; rica; ela é tão letal quanto deliciosa; a infiel dos cinco maridos<sup>11</sup>; princesa; pérfida e rancorosa como uma mulher<sup>12</sup>; Helena que faz estremecer; mulheres dessa espécie envelhecem tarde e de repente<sup>13</sup>; feiticeira e bálsamo; de braços nítidos e vestes amplas; (*tira o vestido*) antiga deusa da vegetação<sup>14</sup>; (*desamarra a cinta pau*) Afrodite; (*deixa a cinta escorregar pelas pernas*) prostituta, perita em sexo; radiante, alva, cintilante, dourada; símbolo de fertilidade e potência sexual; o rosto que fez zarparem mil navios; musa; meretriz; (*tira sapatos de salto*) unguida com a umidade do amor erótico em suas vestes, véu, diadema e tranças dos cabelos; a mais perfeita dádiva da natureza; confiante e precavido; desembaraçada e traiçoeira; influente; famosa por inspirar os homens ao coito e à luta. (*veste um macacão*) A Bela Helena.

(*A atriz conta o mito de Helena com imagens poéticas e dados científicos sobre suas representações desde Homero, em diálogo com questões contemporâneas. Depois, prossegue para as considerações finais:*)

<sup>7</sup> "... nas cidadelas micenenses haveria o sussurro e o murmúrio de saias, o tilintar de enormes lantejoulas, o balanço das joias, as contas farfalhando, calçados de couro batendo no chão quando os pés das rainhas da Idade do Bronze palmilhassem os pisos decorados" (Hughes, 2009, p. 175).

<sup>8</sup> Sartre, 1966, p. 94.

<sup>9</sup> Eurípides, 2003, p. 212

<sup>10</sup> Muitas das qualificações que constam deste parágrafo estão em Hughes (2009), exceto as que são indicadas nas Notas de Rodapé que seguem.

<sup>11</sup> Chaveau, 1991, p. 46

<sup>12</sup> Sartre, 1966, p. 66

<sup>13</sup> Sartre, 1966, p. 96

<sup>14</sup> Brandão, 1989, p. 78

HÉCUBA: Helena é perigosa, não se deve confiar nas mulheres, principalmente nas que são articuladas, atraentes, carismáticas e engenhosas. São essas criaturas que provocam a morte das civilizações.<sup>15</sup>

ATRIZ-PESQUISADORA (*toca nas próteses e joias. Fala olhando para o espelho*): O que pode ser mulher? (*para a plateia*) Essas teatralidades cotidianas, (*toca nas próteses*) códigos de comportamento, máscaras sociais<sup>16</sup> de (*ironia*) mulher.

HELENA (*veste um sapato de salto*): chamo-me Helena como Selene, a Lua (*veste o outro sapato, sem salto*); Helena como Hélio, o Sol. Helena como a Lua e o Sol... Que astros por parentes!<sup>17</sup>

ATRIZ-PESQUISADORA: Sol e Lua... do ponto de vista da terráquea, Sol e Lua estão em oposição. Relacionam-se a dia e noite. Em algumas simbologias, Sol e Lua também se relacionam a masculino e feminino. Mas esses opostos também se misturam: há Lua de dia, mas não há Sol de noite – o Sol ofusca a noite. Mas a noite pode invadir o dia de forma brutal: é o eclipse. (*Gesto de eclipse*)

ATRIZ-PESQUISADORA: Podemos pensar essa relação entre feminino e masculino como uma sizígia<sup>18</sup>. (*Pausa*) Alguém sabe o que significa sizígia? (*Aguarda alguma possível resposta da plateia*) Alguém sabe dar nó em gravata? (*Entrega a gravata a quem souber fazê-lo*)

ATRIZ-PESQUISADORA: Sizígia é conjunção ou oposição de qualquer corpo celeste com o Sol, mas é mais usado para falar da relação entre Sol e Lua. (*Monta uma sizígia didaticamente com os objetos disponíveis: dildo para Sol, copo de água para terra, sapato de salto para Lua*). Então temos Sol, Terra e Lua alinhados, neste momento está agindo sobre eles a mesma força gravitacional. Do ponto de vista da terráquea é o momento em que vejo a Lua Nova ou a Lua Cheia, momento também da maior maré alta e da menor maré baixa. A sizígia é uma relação dual (*ênfase*) que se define pela oposição. Se eu tiro um dos dois (*tira Sol ou Lua*), não é mais sizígia. Se eu saio da Terra (*tira o copo de água da mesa*): foda-se a sizígia. Mas se eu estou na Terra, a sizígia mexe com as águas do planeta... e nosso corpo tem muita água, certo?

ATRIZ-PESQUISADORA: A leitura da natureza é um fenômeno cultural (*tira o macacão*), que acontece a partir das perspectivas sociais e históricas de quem está lendo. (*Veste a calça*). Como, então, pode-se afirmar que homens e mulheres são seres em oposição por natureza? (*Veste sutiã bem justo*) Natureza? Há na natureza

<sup>15</sup> Hughes 2009, p. 356

<sup>16</sup> Boal, 1996, p. 136

<sup>17</sup> Adaptação de Chaveau, 1991, p. 26.

<sup>18</sup> Verbete Sizígia, disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/siz%C3%ADgia>>. Acesso em: 20 out. 2012. Também agradeço ao amigo Guilherme Schultz, oceanógrafo, pela ajuda no estudo do conceito de sizígia.

alguma coisa mais parecida com um homem do que uma mulher <sup>19</sup>? *(Pausa. Começa a vestir a camisa de botão)*

DRAG KING PALESTRANTE *(conforme o figurino do Palestrante vai sendo vestido, sua atitude vai tomando conta do discurso, a partir de agora todo texto será dado por ele, exceto quando demarcado)*: Que parte da *(ironicamente)* natureza do "ser mulher" Helena grita desde a Idade do Bronze Tardio - desde a Pré-História - que não lhe pertence? Por quê Helena foi desejada e também foi xingada através dos séculos por guerreiros, artistas e poetas <sup>20</sup>? O que acontece com uma mulher que tem a libido, a moral, o comportamento sexual *(ironicamente)* de homem? Por que não encontro a palavra "puta" no masculino? Assim, com o mesmo sentido ofensivo e uso coloquial (filho da puta, puta que o pariu, etc...). Por que a palavra puta é ofensiva? Que pênis! *(Bebe água)*

*(Se dirige a quem está preparando a gravata)*. Terminou?

*(Veste a gravata enquanto diz)*. Como a anatomia influencia nossa expressividade cultural? Como nossas práticas culturais influenciam nossa anatomia? E como dizer, *(coloca um sapato de salto)* do alto da minha contemporaneidade, qual parte é a natureza e qual é a cultura? *(Tira o sapato de salto)*.

Como atriz pesquisadora *(arruma a gravata)*, mergulho nessas perguntas porque enxergo a relação entre as artes e o imaginário. *(Pausa)*. Quem veio primeiro: o ovo ou a galinha? *(Pausa)*

Estar aqui diante da plateia é criar imagens. Criar imagens é interferir na vida psíquica da outra - a exemplo dos dramaturgos trágicos que *(faz uma citação)*

B. HUGHES: "se tornaram os educadores não oficiais da sociedade" <sup>21</sup>.

Aristóteles disse para alguém que o poeta deve inventar mitos <sup>22</sup>. Antonin Artaud escreveu que a verdadeira tarefa do teatro é criar mitos <sup>23</sup>... Para Carl Gustav Jung, os mitos são os arquétipos, os estruturantes da psique <sup>24</sup>. As narrativas míticas dariam, então, a base para que nós possamos escrever nossa própria história. *(Se dá conta)*. Que responsabilidade! Criar imagens é interferir na vida psíquica da outra. *(Olha no espelho)* E na minha.

*(Senta na mesa e veste os dois pés do sapato sem salto)*

<sup>19</sup> Segundo Connel (apud Romano, 2009, p. 67), "[as semelhanças entre todos os seres da espécie humana, homens e mulheres, é muito maior do que as diferenças]" (Connel apud Romano, 2009, p. 67).

<sup>20</sup> Hughes, 2009.

<sup>21</sup> Hughes, 2009, p. 356.

<sup>22</sup> Silva, 1999, p. 10

<sup>23</sup> "Criar Mitos, esse é o verdadeiro objetivo do teatro, traduzir a vida sob seu aspecto universal, imenso, e extrair dessa vida imagens em que gostaríamos de nos reencontrar" (Artaud, 1993, p. 137).

<sup>24</sup> Jung, 2000.

As discussões de gênero de que tanto tem se falado, esse “blablablá contemporâneo”<sup>25</sup>, estão sempre rondando a arte da atriz e do ator. Minhas escolhas para a cena, minha gestualidade, meu figurino; mas também as divisões de tarefas dentro do coletivo, a dinâmica de divisão dos papéis, as relações de poder e a lógica que rege essas divisões... e tantos outros aspectos que ultrapassam a temática direta na cena.

*(desce da mesa)* Mas, se quisermos trabalhar as questões de gênero diretamente na temática da cena, não precisamos ir muito longe: já na Grécia Antiga os homens interpretavam Helena de Eurípides no palco, subvertendo a relação entre seu sexo anatômico e seu comportamento de gênero, enquanto estavam protegidos pela ficção do teatro – e nem preciso dizer que isso acontecia porque as mulheres eram proibidas de fazer teatro, isso já é senso comum, o que não é senso comum é que as mulheres também eram proibidas de *(ênfase)* assistir às Tragédias em Atenas<sup>26</sup>.

Será que alguém tem um cinto para me emprestar? Um cinto que seja bem chique e bem másculo...? *(Aguarda. Caso não haja resposta, pode diminuir a exigência até aceitar qualquer cinto ou, que seja, nenhum).*

O que é másculo? *(Se explica)* ...masculino? *(Pausa)* E feminino, alguém sabe responder? *(Mas não espera a resposta)*

Fiz um quadro comparativo. *(Mostra)*

Nunca encontrei alguém que negasse a possibilidade de existir masculinidade em corpo de mulher ou feminilidade em corpo de homem. *(comentando)* Aquele cara é afeminado, dizemos. Ou: aquela mulher é masculina. *(pensa)* O que pode ser, então?

Estudando referenciais teóricos dos estudos do imaginário que tratam de polaridades, inclusive da oposição masculino-feminino, cheguei à afirmação de Gaston Bachelard que mesmo a mulher mais feminina tem masculino, mesmo o homem mais masculino tem feminino<sup>27</sup>. Para Jung, todas e todos temos potencialidades andrógenas<sup>28</sup>. O que é, então, feminino e masculino se não é a mesma coisa que corpo de mulher ou de homem?

Viram o quadro comparativo?

---

<sup>25</sup> Comentário feito por um rapaz que assistiu a um ensaio aberto do espetáculo.

<sup>26</sup> Hughes, 2009, p. 355.

<sup>27</sup> Bachelard, 1988, p. 59

<sup>28</sup> Jung, 2000.



## FEMININO

ARTAUD, 1993  
atrativo,  
negativo (p. 155)  
não querer,  
não pensar (p. 157)  
abandono, angústia,  
apelo, invocação,  
súplica (p. 158)

ZOLLA, 1981  
matrix, alma (p. 15)  
moonbreath (p. 15)  
semente vermelha (p. 16)  
lado esquerdo (p. 21)  
julgamento, severidade (p. 21)  
interior (p. 24)  
paz (p. 27)  
espaço (p. 30)  
indolência, fraqueza,  
desejo de morte (p. 31)  
energia lunar centrifuga (p. 65)  
gelo e neve (p. 66)  
vale (p. 68)  
mercúrio (p. 78)

PRECIADO, 2008  
flexível,  
mutável,  
móvel,  
precário,  
pósindustrial (p. 203)  
penetrado (p. 205)

STERLING, 2001/2002  
corpo,  
escravo,  
necessidade (natureza),  
natural (não humano),  
primitivo,  
reprodução,  
outro (p. 60)

JUNG, 2000  
anima = alma  
não-eu (p. 37)  
perigoso, tabu,  
mágico (p. 37)

SALOMÉ, 1991  
desenvolvimento em zigue zague (p. 55)  
vida interior (p. 56)

BEAUVOIR, 1970  
outro, inessencial (p. 10)

BACHELARD, 1988  
anima (p. 19)  
imagens serenas (p.61)  
doçura (p. 61)  
devaneio puro,  
repleto de imagens (p. 61)  
água (p. 61)  
calor (p. 186)  
lentidão, paz (p. 20)  
infância (p. 20)  
presente das imagens  
felizes (p. 61)  
despreocupação (p. 61)  
amar as coisas por  
elas mesmas (p. 30)  
silêncio (p. 43)  
mais profundo (p. 57)  
subterrâneo do ser (p. 63)  
pomba, Lua,  
longas madeixas (p. 76)

ROMANO, 2009  
docilidade (p. 51)  
amor, ciúme,  
medo, lamento (p. 140)  
excitamento, tristeza,  
impulso da fusão do próprio  
corpo com a natureza (p. 167)  
vergonha, arrependimento,  
irracional,  
não-cultural, misterioso,  
"fora das instituições" (p. 179)  
sensibilidade, espontaneidade,  
impulsividade (p. 131)  
"talento nato" para o jogo  
e o mascaramento,  
capacidade de "gerar vida" e  
"compreender o outro" (p. 138)  
água, espelhos,  
lua, janelas (p. 510)

DANIÉLOU, 1989  
receptáculo (p. 51)  
tolerante, felino,  
sedutor, cruel (p. 102)  
serpente, apego às coisas  
da terra (p. 104)

## ANDROGENIA

ZOLLA, 1981  
pai, cérebro (p. 15)  
sun breath (p. 15)  
semente branca (p. 16)  
lado direito (p. 21)  
justiça, clemência (p. 21)  
cabeça (p. 23)  
exterior (p. 24)  
vitória (p. 27)  
tempo (p. 30)  
energia solar centrípeta (p. 65)  
luz (p. 66)  
montanha (p. 68)  
enxofre (p. 78)

ROMANO, 2009  
racionalidade (p. 140)  
impulso do desejo  
de dominar a  
natureza (p. 167)

JUNG, 2000  
animus

STERLING, 2001, 2002

DANIÉLOU, 1989  
conquistador, arado,  
machado, punhal,  
espada, semente,  
esperma, chuva,  
sol, serpente,  
peixe, água (p. 48)  
tempo (p. 51)  
touro (p. 100)

mente,  
senhor,  
liberdade,  
humano,  
civilização,  
produção  
eu (p. 60)

SALOMÉ, 1991  
vida exterior (p. 56)

ARTAUD, 1993  
expansivo,  
positivo (p. 155)  
querer (p. 157)  
expira com ênfase (p. 159)

BACHELARD, 1988  
sonho noturno (p. 20)  
amar as coisas em função do seu uso (p. 30)  
menos profundo (p. 57)  
projetos e preocupações (p. 60)  
fogo (p. 76)  
atividade social (p. 57)  
se ilumina (p. 63)  
crescimento psíquico (p. 63)  
dragão, Sol, cabelos curtos (p. 76)

PRECIADO, 2008  
seguro, estável, definitivo, industrial (p. 203)  
ereção (p. 205)

BEAUVOIR, 1970  
sujeito, absoluto (p. 10)

## MASCULINO

(*Indicando o quadro*). Ai vocês podem ver algumas definições que recolhi em diferentes obras, tanto sobre estudos de mitologia e simbologias, quanto das questões de gênero e sexualidade.

(*Lê algumas definições de masculino do quadro*) Pai, cérebro, lado direito, luz, racionalidade, mente, eu, expansivo, positivo, menos profundo, atividade social, cabelos curtos, seguro, estável, definitivo, industrial, sujeito, absoluto. - . Isso é o quê? (*Lê algumas definições de feminino*). Não querer, não pensar, abandono, angústia, súplica, alma, lado esquerdo, flexível, mutável, penetrado, calor, amor, ciúme, sensibilidade, espontaneidade, perigoso, tabu, outro. E isso? (*Pausa*). Lhe parecem definições ligadas à genitália? (*Repete algumas palavras do quadro*).

(*Olhando no espelho, passa gel no cabelo enquanto diz*): O que pode ser homem? Saber levantar a voz, saber matar, úlcera de estômago, a precariedade da paternidade como laço natural, o suor, a guerra (mesmo em sua versão televisiva), terrorismo, sexo por sexo, saber beber, ganhar dinheiro, omeprazol, a cidade, o bar, as putas, o Viagra, a filosofia, a gastronomia, pagar pensão à ex mulher, violência doméstica, pornografia, o Governo, o Estado, direção da empresa, a pesca e a caça, a barba de dois dias, o álcool, o infarto, a calvície, barbear-se, fechar o ânus, a inteligência, o saber enciclopédico, a obsessão sexual, o *donjuanismo*, a misoginia, deixar sua mulher por outra mais jovem, o medo de que te metam pelo cu, não ver os filhos depois do divórcio, o desejo de que te metam pelo cu <sup>29</sup> (*vira totalmente montado, olha para você, vai até a mesa e bebe água, depois diz*) É ter um pinto? Basta ter um pinto (*mostra o dildo*)? Precisa do pinto?

Sobre performatividades, essas teatralidades cotidianas relacionadas ao que pode ser homem, esses padrões de comportamento que parecem inevitáveis, as máscaras sociais (*tenta tirar a máscara*): podemos falar dos *Drag Kings*. A despeito de ser uma cultura estadunidense - quer dizer, de referência não-neutra, imperialista sim, não universal, local - a ação de imitar a performatividade (*ironia*) de homem é reveladora. Compreender no corpo (seu ou de uma atriz à sua frente) que a masculinidade é passível de ser decodificada, apresentada como artifícios de teatralidade, acaba revendo a relação natural do sexo com o comportamento.

HOMEM: Quer dizer que o poder dado a mim por ter nascido com pênis não é natural? (*Visivelmente perturbado*). É o que então?

DRAG KING PALESTRANTE: Assim disse o professor estadunidense que estudou o assunto:

PROF. BOTTOMS: ... o fato de as mulheres “evolüirem” a si mesmas ao status de homens – e fazerem isso de forma tão plausível – implica que a autoridade tradicionalmente exercida pelos homens é uma questão de postura e teatralidade (blefe)

---

<sup>29</sup> Trechos de Preciado, 2008, p. 92.

mais do que um direito divino ou biológico.<sup>30</sup>

AUTORA (*a parte*): Por isso esta fala é dada de gravata – para que se leve a sério, este é o momento dos dados. Este espetáculo vem sendo feito há quatro anos de forma independente, carregado na mochila por onze estados brasileiros em mais de setenta apresentações em eventos internacionais e nacionais, acadêmicos e artísticos. É fruto de uma pesquisa que começou em 2012 no Mestrado em Artes da Cena na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), este espetáculo foi apresentado na ocasião da defesa e, claro, de lá para cá foi reescrito inúmeras vezes por conta de atravessamentos políticos, corporais e anímicos. Legitimado com números e currículo, podemos seguir para tentar concluir algo, mesmo que seja crise e confusão.

PALESTRANTE: (*dá continuidade na palestra*) Observando os dispositivos *Drag* e suas reverberações na plateia, o professor estadunidense<sup>31</sup> nota que as *Drag Queens* mostram uma feminilidade mascarada, exagerada, carregadas de clichês em contraposição a alguns *Kings* mais próximos do realismo e além de estereótipos. Para ele, isso reflete o que se está parodiando: uma feminilidade ostentosa em resposta ao olhar alheio e uma masculinidade discreta, neutra. (*Tira a gravata*)

Neutro. Sujeito neutro. Sujeito. (*Pausa*). Na língua portuguesa o neutro é no masculino. Quem escreve e quem lê, quando neutro, é masculino. Como se o masculino fosse único sujeito possível.

Neutro. Neutro? (*pausa*) Agora tem aceitação universal a noção que não existem termos observacionais neutros nem nas mais rigorosas das disciplinas científicas, como a física.<sup>32</sup>

VANDANA SHIVA: (*diz enquanto desabotoa os primeiros botões da camisa*) Passar da uniformidade para a diversidade é essencial tanto ecológica como politicamente. É um imperativo ecológico porque apenas um sistema baseado na diversidade respeita os direitos de todas as espécies e é sustentável. Também é um imperativo político porque a uniformidade anda de mãos dadas com a centralização, enquanto a diversidade requer um controle descentralizado. A diversidade, enquanto maneira de pensar e enquanto maneira de viver, é necessária para superar o empobrecimento gerado pelas monoculturas mentais.<sup>33</sup> Disse Vandana Shiva, ecofeminista indiana.

PALESTRANTE: A diversidade é vista como erva daninha. (*Tira os sapatos sem salto*). Mas são exatamente as ervas daninhas que mantém a riqueza do solo. As

---

<sup>30</sup> Bottoms, 2010, p. 10.

<sup>31</sup> Bottoms, 2010.

<sup>32</sup> Shiva, 2002, p. 56

<sup>33</sup> Shiva, 2002, p. 19

monoculturas disseminam-se não por aumentarem a produção, mas por aumentarem o controle. (*Bagunça o cabelo*) A expansão das monoculturas tem mais a ver com política e poder do que com sistemas de enriquecimento e melhoria da produção biológica.<sup>34</sup> O desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento das alternativas.<sup>35</sup> Diversidade é alternativa diante das “monoculturas da mente” – nome de um livro de Vandana Shiva.

PALESTRANTA (*tira a calça, se deixa transformar novamente pela roupa que veste: camisa de botão aberta, sutiã justo, o resto nua*): Diversidade.

CORIFEU (*trágico, levanta as mãos*): E, uma vez recuperada a jovem, por que não a possuístes todos, já que ela tanto gosta de trocar de marido? (*Olha para a plateia e comenta*) (Sórdida!) (*trágico, levanta as mãos*) Oxalá jamais tivesse nascido a raça feminina – (quase arrependido, comenta para a plateia) a não ser que fosse para mim só!<sup>36</sup>

PALESTRANTA: Palavras de Eurípides na tragédia *O Ciclope*, sugerindo um estupro coletivo para se vingar da jovem Helena – te lembra alguma manchete de jornal contemporânea? (*Pausa, bebe água para tentar se recompor*).

MENELAU: Possa o seu castigo atingir a todas as mulheres. Torná-las casta não é fácil, mas fossem elas ainda piores do que são ensinar-lhes-íamos a honestidade pelo terror.<sup>37</sup>

PALESTRANTA: Disse Menelau em *As Troianas* de Sartre no século XX. (*Expira com ênfase*) Mas Helena não foi punida por Menelau. (*suspira apaixonada por Helena*) Com sua inflexível maleabilidade<sup>38</sup>, ela volta a reinar em Esparta.

PALESTRANTA-ECOFEMINISTA: As chamadas “ervas daninhas” têm a habilidade de deixar o ambiente sempre mais fértil, mais solto, mais úmido e mais rico em vida. Sempre. São aquelas que nascem onde nada mais nasce, e vão preparando terreno até que as plantas mais sensíveis possam nascer, seguidas de plantas maiores, até a reposição da vegetação.<sup>39</sup>

(A atriz passa o chapéu)

## Referências

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. 3, ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

<sup>34</sup> Shiva, 2002, p. 18

<sup>35</sup> Shiva, 2002, p. 15

<sup>36</sup> Eurípides apud Brandão, 1989, p. 96.

<sup>37</sup> Sartre, 1966, p. 109.

<sup>38</sup> Chaveau, 1991, p. 57.

<sup>39</sup> Sobre as ervas daninhas <<http://revista.rebia.org.br/2016/89/868-ervas-daninhas-nao-plantas-indicadoras>> acesso em: set. 2018.

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo I: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOAL, Augusto. *O Arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BOTTOMS, S.; TORR, D. Why act like a man? *Sex, drag and male roles: investigating gender as performance*. p.1-34. The University of Michigan Press: 2010.
- BRANDAO, Junito de Souza. *Helena, o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 1990.
- CHAVEAU, Sophie. *Memória de Helena de Tróia*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.
- DANIELÓU, Alain. *Shiva e Dioniso: a religião da natureza e do eros*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:< <http://www.priberam.pt/dlpo/siz%C3%ADgia> >. Acesso em: abr. 2013.
- Discografia Pepeu Gomes. Disponível em:<<http://www.pepeugomesoficial.com/discografia.php>>. Acesso em: set. 2014.
- ESQUILO. *Agamêmnon*. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.
- EURÍPIDES. As Troianas. In: Eurípedes. *Medéia; Hipólito; as troianas*. Tradução do grego, apresentação e notas de Mário da Gama Kury. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- HUGHES, B. *Helena de Troia: deusa, princesa, prostituta*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LUCINDA, E. *Eu te amo e suas estrelas*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- PRECIADO, Beatris. *Manifiesto contra-sexual*. Tradução de Julio Diaz e Carolina Meloni. Madrid: Editorial Ópera Prima, 2012.

\_\_\_\_\_. *Testo Yonqui*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2008.

ROMANO, Lucia Regina Vieira. De quem é esse corpo? – a performatividade do feminino no teatro contemporâneo. 2009. 670 páginas. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Arquivo PDF.

SAINT-POINT, Valentine. *Manifesto das Mulheres Futuristas*. Disponível em <<http://http://www.mariabuszek.com/kcai/DadaSurrealism/DadaSurrReadings/Ftrs-tWoman.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.point

SALOMÉ, Lou Andreas. *O erotismo*. Seguido de reflexões sobre o problema do amor. 1. ed. São Paulo: Editora Princípio, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. *As troianas (Adaptado de Eurípedes)*. Tradução de Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biologia*. São Paulo: Editora Gaia, 2002.

SILVA, Augusta Fernanda Oliveira. Introdução de EURÍPIDES. *Orestes*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

STERLING, Anne Fausto. Dualismos em duelo. *Cadernos PAGU*. V. 17 e 18, p. 9 a 79, 2001/2002.

Revista do Meio Ambiente – REBIA <<http://revista.rebia.org.br/>> acesso em setembro de 2018.

ZOLLA, Elémire. *The androgyne*. London: Thames and Hudson Ltd, 1981.

Recebido em: 28/09/2018

Aprovado em: 15/10/2018